

OBRAS COMPLETAS DE
MÁRIO-HENRIQUE
LEIRIA

EST.^o



1923

**MANIFESTOS,
TEXTOS CRÍTICOS
E AFINS**

Índice

Prefácio	15
<i>Curriculum Vitae</i>	21

O ARTISTA ENGAJADO

Diário	25
Desenhos de Paris	35
«A arte não é solução...»	41
A re-descoberta das coisas (Desenhos)	43
«Temos de encarar o caso Picasso...»	51
Para uma melhor compreensão da chamada «Arte Moderna»	52
1.º Manifesto do Sobreporismo	55
<i>Escada Paranoica</i>	57
Carta a Mário Cesariny	58
Ficha	61
«Temperamento caracterizado pela necessidade...»	62
«Ao tratarmos da nossa posição-situação...»	63
«Tendo-se por estabelecido que quem é é sempre...»	66
Evidência surrealista	67
Nós reduziremos a arte à sua expressão mais simples, que é o amor	69
Realidade surrealista	71
«Mas para que havemos de sonhar...»	72
Razões porque sou surrealista	73

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

«Para ser lido no JUBA»	76
Boneco do convite à 1.ª exposição do grupo	78
Projecto para um espectáculo nosso	79
Cadáveres esquisitos	80
Para bem esclarecer as gentes...	97
Comunicado pelo surrealista Mário-Henrique Leiria	98
Entrevista que eu dei ao Cesariny	100
Desenhos	102
«Caro e grande amigo Almada Negreiros»	104
Mais um cadáver	105
1.º Manifesto da Rua da Escola	108
Carta a Simon Watson Taylor	110
«Por um deserto exaustivamente longo...».	112
Postal a Simon Watson Taylor	115
Carta a António Maria Lisboa	116
11-Dezembre	118
Carta a Simon Watson Taylor	119
Manifesto of the Portuguese Surrealists	121
História da pessoa que nós esperamos	123
Do Capítulo da Proibidade	124
Comunicado	127
Carta a Carlos Eurico da Costa	129
«Para um melhor esclarecimento...»	132
«Não estando absolutamente correcta a descrição...»	134
Engano	135
Rir é bem bom	136
Domingo à tarde	137
Chinesices	138
O circo desceu à cidade numa tarde de pouco calor	139
Para que conste	141
«Entrei no Forte de Caxias...»	143

O ARTISTA CRÍTICO

Receita para preparação do HOMUNCULOS	
CRÍTICO LITERÁRIO	151

ÍNDICE

«É um engulho esta falta de galerias...»	152
«Pintura...»	157
Miguel Flávio visto por Chris Marker.	159
Colagens	160
«Prefácio ao catálogo da exposição que Cândido Costa Pinto realizou...»	164
Introdução ao catálogo de qualquer exposição de Paulo Guilherme	166
Apontamentos para uma biografia do poeta Fernando Sousa	168
Concreção do mito	169
O micróbio da música	172
Prefácio à tradução de <i>Focus</i> de Arthur Miller	201
<i>Beat Generation, Angry Young Men</i> e os Anos Cinquenta	207
«Mais recentemente, algumas figuras da literatura hispano-americana...»	214
Badana de <i>Ninguém Escreve ao Coronel</i>	218
Badana de <i>O Veneno da Madrugada</i>	219
Badana de <i>Os Funerais da Mamã Grande</i>	220
«Alguns escritores mais recentes assinalaram uma viragem na literatura brasileira...»	221
<i>A cidade no tempo</i>	225
<i>O Mundo Marciano</i> e <i>O Homem Ilustrado</i>	226
<i>A Tentação Cósmica</i>	227
<i>O Voo no Espaço Cósmico</i>	228
Fredric Brown	229

O ARTISTA NA IMPRENSA

Notícias várias	233
Antidepoimento.	235
Palavras de Alexandre Jacob durante o seu julgamento (Colagem) .	236
Dicionário modesto para famílias de poucos haveres	237
Pequena enciclopédia doméstica	243
Pequena enciclopédia doméstica (de A a V).	246
Aube 60.	253
A chateação continua	255

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

O mito da família	256
<i>Pas pour les parents</i>	260
Como orientar um suplemento literário (ou outro)	298
Colaboração para o «Magasine»	299
O Clandestino	300
Nota cultural	302
Análise de carácter	303
«Então, isto é anúncio que se ponha...»	305
«Juízo! Muito juízo!»	305
Tapa-buracos	306
Perguntas estúpidas	310
Cumentários	311
É grave a situação da indústria de lentes no nosso país	312
Sobre o equilíbrio das substâncias heterogene	313
Sabe o que é o sistema dos planetas troianos?	317
Sabe o que é necessário a um foguetão para se libertar da atracção terrestre?	319
O maior rádio-telescópio orientável do mundo	321
«... as máquinas mais pesadas que o ar...»	322
Escutando, o sábios descobrem um universo invisível	323
Peso atómico do louro	326
Da influência do <i>Magulian</i> nas civilizações mediterrâneas...	327
Elementos para o estudo relativo do cristianismo e do islamismo . .	332
História da cavalaria	335
Jogo Rex	345

CARTAS

Caxias, etc.	349
Caro Cesariny,	351
Exmo. Sr. Director	353
15/7/58	354
Carcavelos, 7/10/58	358
Paris à noite, 7/8/61	363
S. Domingos, 15/8/61	366

ÍNDICE

S. Domingos, 27/8/61	368
Carcavelos, 31/8/61	372
S. Domingos, 2/9/61	377
S. Domingos, nocturnamente a 7 de Setembro	381
S. Domingos (Sempre S. Domingos, irra!) a 8 ou já 9 de Setembro	385
S. Domingos, nesta casa que agora desejo e quero que continue a ser a minha casa, para poder vir a ser, se tu alguma vez quiseres, a nossa casa, 13/9/61	387
16/9/61	392
Dukla, 30/9/61	395
S. Domingos de Rana, 8-9 Outubro.	403
Maruska bonita	408
S. Domingos, 29-30/11/61.	409
S. Domingos, Quatro e meia da manhã, como irremediavelmente de costume	414
Novembro, 61	418
S. Domingos, Sábado (foi) e madrugada	420
Venerável legista.	422
S. Domingos, 17/12/61 Noite, claro	423
S. Domingos, 23/12/61 à noite, como sempre.	426
Querida	430
6/1/62.	431
14/1/62	435
Caríssima e veneranda	440
Fevereiro, 25 – Seis da manhã	441
Arlanza – 2 de Março, a entrar em Lãs Palmas	443
No Arlanza – 7 de Março, às 3 da noite	445
Amor querido, minha Isabelinha	451
S. Paulo, 1/4/62.	455
S.P. 7/4/62.	461
S. Paulo, 24/4/62.	464
S. Paulo, Sábado 5 de Maio	469
S. Paulo, 6/5/62.	471
S. Paulo, 10/5/62 – Muito pela noite	475
S.P., 11/5	479
S. Paulo, 13/3/62.	481

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

Asiática e activíssima Maruska	484
Querida Maruska	485
Entre o Rio e S. Paulo – No ar.	486
S. Paulo, 4/6/62.	490
S. Paulo, 30 Outubro 1962.	494
S. Paulo, 14/11/62	498
S. Paulo, 29/11/62	503
S. Paulo, 10/12/62	509
S. Paulo, 15/12/62	511
S. Paulo, 8/1/63.	516
S. Paulo, 12/1/63.	519
S. Paulo, 29/1/63.	523
S. Paulo, 29/3/63.	526
S. Paulo, 30/4/63.	531
S. Paulo, 11/6/63	536
S. Paulo, 15/12/63	538
S. Paulo, 11/2/64.	540
S. Paulo, 10 de Junho do ano de J.C. (quem diria!) de 1964.	544
S. Paulo, 15/12/64 (Quase Natal...)	546
S. Paulo, 8/5/65.	549
Beluska	552
S. Paulo, 12/8/70.	553
Carcavelos, 5/3/73.	555
Car., 8/5/73.	557
Car., 10/5/73.	560
Jezabel, meu amor	561
Car., 17/5/73.	564
Menina	566
16/6/73	567
Car., 20/9/73.	572
Car., 5/10/73.	574
3/11/73	576
Car., 15/11/73	578
Car., 21/11/73	580
Car., 25/11/73	582
31/12/73	584

ÍNDICE

Amor triste	586
27/1/74	588
13/2/74	590
2/3/74	593
Car., 11/3/74	596
Isabelinha	598
22/3/74	600
Car., 4/4/74	602
Car., 16/4/74	604
Car., 18/9/74	606
Car., 28/9/74	609
Querida Isabelinha	611
Car., 17/12/74	613
Car., 16/7/75	615
Carc., 20/3/77	618
Meus caros	620
Car., 12/12/79	623

OUTROS ESCRITOS (COMPLETOS E INCOMPLETOS)

Canção quando o sol se põe	627
Fiz uma descoberta	629
«Para quê ter pena dos outros...»	631
Dobrei a esquina e comecei a subir a ladeira	632
A hora que ainda não é	634
A alucinante história de um fim de semana ou o crime sem mordomo (com Jorge de Oliveira)	635
De como 3 dias foram passados – Crónica de viagem	643
Primeiro capítulo de um conto que eu nunca acabei	654
«Isto de escrever um romance...»	657
Diálogo psico-analítico	662
«Os teus olhos são límpidos...»	664
Desenhos	665
«A minha cabeça gira... gira...»	667

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

Desenho	667
«O amor é uma febre»	668
Teatro incompleto	669
«Ambiente o mais italiano possível...»	669
O triunfo da pobreza ou a virtude recompensada	671
3. ^a Experiência	673
Diálogo	675
«Muito longe, para lá do Tempo...»	676
«Nas cidades que têm porto de mar...»	680
My Double, the General.	681
Para bem esclarecer as gentes que continuam à espera...	690
<i>Conto de Natal para Crianças.</i>	693
Fontes e Referências dos Documentos	719

KITOKO PUBLICIDADE LTDA.

:- Mário Henrique Baptista Leiria

:- 39 anos

Habilitações - Curso dos Liceus e frequência da Escola superior de Belas Artes de Lisboa (Arquitetura).
Idiomas - Francês, Inglês e Espanhol e conhecimentos de - alemão..

1949 - Chefe da Secção de Publicidade da ENET (Empres - a Nacional de Estudos Técnicos), em Lisboa.

1954/55 - Chefe da Secção Literária (Publicidade redigida) da Tecnico, em Lisboa.

1960 - Chefe de Redacção do Magazine ARCO-IRIS, em Lisboa.

1958/60 - Colaboração em "free Cancer" na Secção de Publicidade da GENERAL ELETRIC PORTUGUESA.

1960/61 - Director gráfico da Portugalia Editora, lda. e - Lisboa.

1955/62 - Coordenados, organizador e tradutor da colecção de ficção Científica da editora LIVROS DO BRASIL, LDA., em Lisboa.

1958 - Planificador do 5º sector do Pavilhão de Portugal na EXOP de Bruxelas.

1958 - Organizador e Planificador da Exposição sobre o - problema da delinquência juvenil, organizada pelo Ministério da Ju - stica de Lisboa.

1960 - Planificador da Exposição Comemorativa do 1º Ce - ntenario da Cidade de Setúbal.

Estadias em 1955, 1956 e 1957 em Hamburgo, Hannover e Paris com frequência dos cursos da Ecole de Publicité de Paris, e visitas de estudo a fabricas, trabalhando igualmente durante esses periodos como operario de construção civil e colaborando para jornais.

Estadia em Londres em 1958.

Critico de arte da revista "EUROPA".

Membro do Grupo Surrealista entre 1949/51 tendo nessa altura colaborado em várias exposições de Pintura.

Colaborador do Magazine do Jornal "Diario de Lisboa".

Incluido no 3º volume da História dos Modernistas Portu - gueses "publicada no Porto.

Incluido na antologia de "Doze Jovens poetas portugueses publicada pelo Ministério da Educação e Saude do Brasil, em 1951.

Alem do acima indicado, garçom de café em Lisboa em 1950; operario, apofandor metalurgico nas fabricas da Fundição e Construção Mecánicas de Oeiras, em 1951; caixeiro de praça de material - electrico em 1952/53; official da Marinha Mercante (Cédula Maritima - Nº 42176 de 1944).

Varias capas, traduções e arranjos gráficos para casas - editoras de Lisboa e capas para discos.

- Membro da Sociedade Portuguesa de escritores.

Todas estas afirmações podem ser comprovadas com a resp - ectiva documentação.



Evidência surrealista

Para nós, que estamos a caminho da grande barreira da sombra, nada mais inesperado que o encontro súbito da verdade que existe nos olhos que nos fixam. Para acreditar na evidência do olhar é preciso ter encontrado o amor; não o amor vulgar, mas o amor pelo inesperado, desconhecido animal que nos espreita há séculos, a ave que parte para o infinito, a sombra das existências já perdidas.

De nós sai agora o grande conhecimento das coisas ocultas que parte para os vossos olhos.

Entre o sonho e a pedra nada mais existe que isto:

Os dois caminhos formados para uma exaustiva procura.

O braço, praia e noite por onde caminhamos até ao desconhecido, forma única que está por descobrir e que por si só é já a escada líquida que subiremos um dia: é a carta, o Arcano XVII, a estrela dos magos, cujo norte é a estrada longa e muito branca que leva à vida e à morte.

Do encontro súbito e muito rápido destes dois objectos nasce a força, nossa própria força de atacar e de ferir, nosso desejo de destruição e, ainda que não pareça, o nosso subir à última nuvem, à altura inultrapassada onde o próprio sangue pára, onde o seco nada mais é que a própria forma humana, onde a luta e a raiva dão origem à flor por descobrir.

Para ser mais claro, poderei afirmar que este conhecimento me veio da aventura que um dia me aconteceu: ia por uma rua

longa, muito longa e completamente deserta. Era noite e não existiam luzes, talvez porque tivesse faltado a corrente eléctrica, talvez porque nunca tivesse existido luz naquela rua. Era um vulgar caminho de volta para casa, tão vulgar que não dava para ele. De repente abriu-se uma porta à minha frente. Fiz os três sinais; o primeiro de alto a baixo com a mão aberta, o segundo à esquerda, horizontal, só com o polegar e o último, o maior, circular e muito nítido em frente da cara. Depois entrei. Uma escada enorme, cheia de luz levou-me até ao fundo, à sala onde pequenas serpentes caminhavam velozmente para a floresta petrificada que se projectava ao fundo. Segui-as. Já não podia parar, devido principalmente à inclinação da sala. Entrei na floresta. Enormes figuras que ainda hoje não posso classificar me apareceram então, lentas, armadas de longas lanças, e me empurraram brutalmente para uma praça de calcário exaustivamente brando onde um corpo de mulher jazia sangrando, sem cabeça. Para atravessar a praça vi-me forçado a passar por cima desse corpo e então verifiquei que ele estava atravessado por um lindíssimo garfo de prata. Nada mais havia a fazer e, portanto, segui o meu caminho. Do outro lado da praça havia uma outra porta, monumental, rutilante como um Sol. Abri-a. Nessa altura, uma forma esférica me caiu em cima da cabeça. Creio bem que desmaiei. Quando, de manhã, dois amigos me encontraram caído na mesma rua, um pouco mais à frente apenas, eu estava abraçado a uma cabeça de mulher cujos lindíssimos e negros cabelos se enrolavam no meu pescoço. Nos seus olhos verdes havia lágrimas. Julgo ter ficado três dias de cama, mas depois o conhecimento de todos estes acontecimentos trouxe-me a descoberta do que se segue:

Dicionário modesto para famílias de poucos haveres

A

ANIMAL – Disse, na intimidade, de um general muito animado.

Variante:

ANÍBAL – Qualquer canibal que, nos dias santos, use anilha.

B

BATATA – Quando aquele que escreve a ata veste a bata usa-se este fonema, mas com extremo cuidado.

Variante:

BATOTA – Acto de bater com a bota. Pratica-se especialmente em operações financeiras, donde o dizer-se usualmente, «a finança é uma batota».

C

CABIDE – Objecto que os agentes da PIDE usavam no preciso lugar da cabeça. Como em todas as polícias especializadas, tratava-se de um disfarce. Realmente não possuíam cabeça.

Variante:

CABODE – Palavra que não quer dizer nada. No entanto os exorcistas usam-na frequentemente, soletrando-a e batendo três vezes com o pé direito no chão. À meia-noite, é evidente.

D

DOMÍNIO – Acção de graças que se realiza ao domingo nas terras trasmontanas. O oficiante bate na cabeça dos crentes com uma barra de alumínio especialmente benzida.

Variante:

DEMÓNIO – Segunda parte da acção de graças acima referida. No entanto só se realiza em dias determinados, e com uma barra de antimónio.

E

ESTUDO – Festa particular e requintada em que os antigos ministros de Estado se encontravam, na época do entrudo.

Variante:

ESTADO – Estabelecimento encerrado, para obras. Vocábulo bastante usado nos países subdesenvolvidos.

F

FACA – Pessoa que vai ao talho e vê os preços. Fica de maca. Em gíria popular, claro.

Variante:

FOCA – Estado em que fica qualquer manifestante depois de levar com a moca da P.S.P.

G

GATUNO – Indivíduo pertencente a um grupo minoritário do povo dos Hunos. Usavam o gato como arma ofensiva e daí a sua avançada fulgurante através da Europa, até às portas de Pavia.

Variante:

GATILHO – Gatuno que usava ceroulas de atilho. Bastante mal visto dentro da tribo. No entanto, nunca deixou de puxar o gatilho.

H

HIENA – Diz-se de uma pequena que anda muito preocupada com o hímen.

Variante:

HIANTE – Quando Dante encontrou uma hiena, o vocábulo definiu-se. Passou a dizer-se, como é voz corrente: «a pequena Beatriz hiante é uma hiena». Vox Populi.

I

INFANTE – Infecção que soi acontecer na tromba de elefante. Só no asiático, sabe-se.

Variante:

INFAME – Chama-se, na Itália e nas Ilhas Canárias, ao salame de categoria inferior.

J

JANTAR – Objecto curvo e afiado introduzido na Península Ibérica pelos exércitos árabes de Tarik. Serve para matar fiscais de impostos, mas só em Janeiro.

Variante:

JANAR – Acto de produzir ar, virado para uma janela. Dialecto antigo do Alentejo.

L

LIMÃO – Posição tomada por qualquer administrador geral quando puxa a liga da secretária, com a mão.

Variante:

LIÇÃO – Diz-se daquele que se obstina em não pagar a licença da televisão.

M

MARTELO – Vitelo algarvio que gosta de passar as tardes a ver o mar.

Variante:

MARMELO – Espécie de camelo usado pelos marítimos dos séculos xv e xvi nos seus comércios com as povoações ribeirinhas.

A alucinante história de um fim de semana ou o crime sem mordomo

POR JORGE DE OLIVEIRA E MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

I A PRIMEIRA COISA FOI O CADÁVER

Deu alguns passos no empedrado.

O ambiente que o rodeava era doentio. A rua estava completamente às escuras (há anos que os candeeiros municipais não funcionavam e também ninguém se importava com isso). Do rio, próximo, emanavam uns miasmas exalando cheiros indefinidos que, juntamente com os vapores vomitados pelas chaminés das fábricas adjacentes, criavam um nevoeiro amarelado, barrento, incomodativo, quase sólido, que lhe provocava inexplicáveis comichões no traseiro. Era aquela uma rua estreita, quase pegada ao cais, ladeada por casas antigas, de largas varandas proeminentes, cujo lançamento sobre a ruela desafiava todas as leis da física e fazia sonhar com milagres de um santo qualquer, metido a construtor civil.

Lembrou-se de Londres e do seu «fog» característico. (Ex-característico).

Sorriu. Nunca tinha estado em Londres.

Consolou-se com a ideia de ter assistido a um documentário, no cinema do bairro, que falava da Londres do pós-guerra. Já era alguma coisa (embora não fosse uma explicação).

Decidiu-se pela análise dos factos, para variar.

Não havia qualquer dúvida de que estava na presença de um cadáver. O cadáver de um homem assassinado. Provavelmente.

Ao primeiro impulso para uma acção, pensou em chamar a polícia. Era uma atitude lógica e cívica, se bem que muito pouco original. A problemática da originalidade preocupava-o a todo o instante. Decidiu não chamar a polícia.

A resolução trouxe-lhe novos problemas de uma certa complexidade. Não havia qualquer espécie de dúvida que se encontrava perante um caso de crime. Onde há um morto, há um crime. Vinha nos livros policiais que devorava nas horas vagas (que eram todas ou quase). Tudo, desde o corpo estendido no passeio, ao ambiente folcloricamente criminal lhe indicava a existência de um drama aterrorizante, desumano e por aí fora. Ora, qualquer acontecimento grave exige um mínimo de atenção. (A tia Felisbela, por exemplo, morrera com um ataque de gota num dia em que bebera demais. Fora um acontecimento grave. Houve que enterrá-la).

Era óbvio que não poderia pensar em enterrar o corpo do delito. A tia Felisbela era um caso isolado e não tinha absolutamente nada a ver com aquilo. Por outro lado, não seria menos interessante pensar em termos de estar em presença da grande oportunidade da sua vida. Qualquer crime pressupõe a existência de um criminoso. Por momentos, imaginou o assassino ainda a vaguear por ali. Assustou-se, mas recompôs-se. Era ridículo. Ninguém é assim tão estúpido. Porque não ser ele o detetive indicado para aquele caso? Não fora ele a descobrir o corpo do assassinado? Não era um amante dos romances policiais? Não via assiduamente todos os filmes do género, que reprisavam no cinema lá do bairro? As credenciais não seriam muito famosas, mas com um pouco de boa vontade...

Deu mais um pontapé no corpo prostrado. Gostava da ideia que tomava forma no seu espírito. Resolveu dedicar-se àquele caso e achou o momento histórico. Para além do mais, estava a precisar de dar um novo rumo à vida de jornalista-zito de terceira categoria, pela qual auferia umas miseráveis moedas mensais à guisa de salário. Talvez estivesse ali a grande «caixa» da sua vida.